



IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE: Uso de imagens como importante recurso didático na educação.

IMPORTANCE OF EXTENSION IN TEACHING TRAINING: Use of images as an important teaching resource in education.

Alan Gomes Fonseca ¹

RESUMO

Este artigo trata da importância da realização de um projeto de extensão por alunos que visam ser professores. Além disso, ele irá salientar no movimento de dupla beneficiação resultado da presença de um extensionista em um ambiente escolar. Um professor em formação tende a estabelecer uma maior aproximação com os alunos por meio do uso de metodologias que conectam de maneira mais fácil e clara, a realidade dos estudantes ao que está sendo ensinado, tendo como exemplo nesse artigo o uso de imagens como material didático. Ademais, também é ponderado algumas considerações sobre o processo de avaliação no âmbito estudantil.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão; Imagens; Professor; Aluno; Avaliação.

ABSTRACT

This article deals with the importance of carrying out an extension Project by students who aim to become teachers. Furthermore, it will highlight the dual benefit movement resulting from the presence of an extension worker in a school environment. A teacher in training tends to establish a closer relationship with students through the use of methodologies that more easily and clearly connect the students' reality to what is being taught, taking as an example in this article the use of images as teaching material. Furthermore, some considerations about the evaluation process at the student level are also considered.

KEYWORDS: Extension; Images; Teacher; Student; Evaluation.

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia.



INTRODUÇÃO

A realização de um projeto de extensão é de suma importância no processo de formação universitária. Por meio dela, o discente passa a ter um contato maior com a prática da sua área de formação. Se tratando de faculdades de licenciaturas, essa importância ganha um grau ainda maior, pois é onde os professores em formação passam a vivenciar o dia a dia e a rotina de um ambiente escolar na ótica de um professor. Partindo deste pressuposto, foi realizado este projeto de extensão realizado por intermédio do apoio da professora Luciana Silva, da Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha, em Uberlândia, Minas Gerais, e do professor Túlio Barbosa, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), visando desenvolver práticas de apoio no ensino da Geografia a alunos do 5º ano do Ensino Fundamental na escola em questão.

A importância da realização desta extensão pode ser caracterizada em algumas máximas, como por exemplo, na forma como esse projeto permite a inserção de um futuro professor já no seu universo de trabalho, ou seja, na educação. Portanto, sua execução promove o contato direto de alguém que está se formando, almejando se tornar um bom professor, com a dura realidade encontrada na prática e já vivenciada por aqueles que já compõem o universo de professores da educação brasileira. Este contato com a realidade prática, se demonstra importante por poder servir como uma fase preparatória do formando, para prepara-lo para sua prática profissional após sua formação. Além disso, é na realização de uma extensão que muitos graduandos adquirem a percepção de que não adquiriram familiaridade com sua área de formação, e acabam optando por seguir com outra carreira. Em contrapartida a isso, durante a execução, muitos discentes adquirem um sentimento afetivo positivo em relação a sua área de formação, encontrando na extensão, agentes motivadores para seguir profissionalmente no campo do ensino. Tais fatores reforçam a importância da fazedura de projetos com esse teor nas Universidades.

Outra máxima que destaca a importância da realização de uma extensão, está na troca de novos conhecimentos, saberes e metodologias do professor ainda em formação com a escola. Inserir um graduando em licenciatura no ambiente escolar implica numa maior aproximação dele para com os alunos do ambiente de ensino. O



simples fato de o mesmo ainda frequentar uma universidade e estar se formando, faz com que ele detenha metodologias e técnicas que lhe permitam estabelecer uma boa conexão e relação com os alunos, motivando os mesmos a terem um maior interesse pela aula, além de poder compartilhar essas novas técnicas com o corpo docente da escola. Para o êxito de tal processo, é preciso que os professores da escola estejam abertos ao ingresso de um futuro professor em suas aulas, que traz consigo novas ideias e formas de promover um processo de ensino aprendizagem mais próximo aos educandos. A importância dessa recepção dos professores que já executam seu trabalho na escola, exerce íntima ligação com a importância que os mesmos também irão exercer no processo de formação do próprio professor que está se formando. Visto que a realização de uma extensão condiz em uma troca de conhecimentos e saberes, é nítida a importância que os docentes já formados e que vivem o dia a dia de uma escola exercem sobre aquele que ainda está se preparando para atuar na profissão. Se, por um lado, o professor ainda em formação contribui com novas metodologias, ideias e questões, os que já estão atuando podem contribuir ajudando-o a compreender a dinâmica de uma sala de aula, os procedimentos da escola, além da forma de se portar perante os alunos, gerando assim um movimento de duplo enriquecimento.

Os alunos, por sua vez, desempenham um papel crucial no projeto de extensão e no processo de formação de um professor. Afinal, bastaria considerar a ideia de que não existiram professores na ausência de alunos. Conquanto, o papel de importância praticado pelos mesmos, pode ser explicado de várias maneiras. Estando dentro de uma sala de aula, o então futuro professor começa a entender e visualizar como se dá a dinâmica de um ambiente de ensino na prática. Seus educandos, por meio de suas expressões e interações, podem servir como um termômetro para que o professor possa mensurar o quão sua aula está sendo motivante para que os mesmos tenham interesse em participar. Através dessa mensuração, cabe ao educador buscar métodos e questões que incentivem uma maior participação e interesse dos discentes no processo de ensino. Como afirmado mais acima, o fato de ainda estar em formação contribui para uma maior proximidade com os alunos, pelo uso de uma linguagem mais próxima, de metodologias que facilitem a aprendizagem, como o uso de imagens que ilustrem aquilo que está sendo ensinado, saindo do padrão teórico textual, promovendo uma



aproximação do conteúdo trabalhado com a vida cotidiana dos estudantes. Para mais, um outro aspecto importante que o professor na extensão deve levar na sala de aula, é o respeito por seus discentes, que assim como ele, também estão em processo de formação, gerando como consequência, um ambiente escolar que seja benéfico para ambas as partes, onde um e outro se respeitam e são beneficiados por isso.

A escolha do tema a ser trabalhado também é parte pertinente do trabalho de um professor, pois é sobre ele que a aula irá se desenvolver. Se tratando de Geografia, Couto (2010) aborda sobre seu ensino, levantando a questão que intitula seu trabalho: “Ensinar Geografia ou Ensinar com a Geografia?”, discorrendo a partir daí sobre como a Geografia deve ser ensinada, colocando em questão o fato de que ela está ligada a nossas vidas, independente da escola, pelo contato com mapas, pela observação da paisagem e pelas práticas sociais e espaciais, ou seja, do “fato de que todo dia fazemos nosso percurso geográfico, de casa para o trabalho, do trabalho para a escola, da escola para o trabalho, pondo a geografia na própria intimidade das nossas condições de existência” (Moreira: 2010, p. 45). De fato, a Geografia exerce uma ligação com a vida cotidiana, algo que deve ser considerado pelo professor, o já formado, quanto o em formação no momento da aula, para que o mesmo possa promover um ensino mais ligado aos alunos, partindo daquilo que já é sabido por eles, que são seus conhecimentos de vida, para então poder ensiná-los o conteúdo a ser trabalhado.

O tema definido para ser trabalhado neste projeto de extensão foi acerca da poluição, que se dividiu em três subtemas: Qualidade ambiental; diferentes tipos de poluição e Gestão pública da qualidade de vida. Essa escolha, partiu da professora Luciana, que apontou tal conteúdo a ser trabalho devido a sequência didática-curricular já estabelecida no plano de ensino anual da escola, estando o assunto aqui em questão pré-definido para ser abordado no último bimestre do ano escolar, período o qual, foi realizado o projeto de extensão. Diante a isso, esse tema também se demonstra importante por permitir um diálogo com os alunos envolvendo diversos setores ou campos, como economia, política, sociedade, natureza, organização urbana, qualidade de vida. O objetivo, portanto, foi abordar, o tema central, juntamente as questões pertinentes que envolvessem o mesmo, de forma mais prática, utilizando recursos que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, como as imagens, de



maneira a estabelecer uma relação com o cotidiano prático vivenciado pelos estudantes em seu dia a dia, gerando uma conexão com suas vidas, promovendo assim um ensino de Geografia mais íntimo com quem está aprendendo. Ademais a isso, foi promovida uma avaliação para poder mensurar o quão proveitosas foram as aulas.

DESENVOLVIMENTO

Trabalhar com o tema poluição, gera uma ampla gama de conteúdos e conceitos a serem abordados pelo professor. Cabe ao mesmo, buscar desenvolver metodologias que aproximem o tema trabalhado com a vida dos estudantes, afinal, a poluição é um assunto diariamente abordado em jornais, programas televisivos, sites de notícias, entre outros meios de comunicação. Além disso, a população sente na prática as consequências geradas por ela, não sendo obstante o caso dos alunos, que ao longo do desenvolvimento das aulas, relataram com certa frequência o incômodo que sentiam em suas residências e locais próximos com a poluição gerada de fontes variadas, as quais serão abordadas mais abaixo. Portanto, ao realizar uma aula, tanto sobre esse conteúdo quanto sobre outros, o docente deve buscar se conectar com a realidade vivida pelos alunos, por meio de uma aula mais dinâmica e usando estratégias que venham impulsionar seus educandos a se interessarem pela aula, tendo como consequência, resultados mais positivos em relação a suas aulas.

Sobre estabelecer um ambiente de ensino que esteja mais conectado com os estudantes, alguns autores trazem boas considerações. Saviani (1997), ao tratar sobre a função docente e a produção de conhecimento, levanta questões sobre qual seria a função do professor e do aluno no processo de produção de conhecimento. Dentro desta temática, ele elenca alguns ditos saberes que um professor deve ter para o ato do ensino, dos quais se destaca e cabe trabalhar aqui, o denominado por Saviani como os “conhecimentos específicos”, ou seja, o domínio do conteúdo a ser trabalhado. No exemplo deste artigo, ao trabalhar com a temática de poluição, o educador necessita obter um conhecimento concreto sobre o assunto, e sobre as ramificações que o mesmo pode ter. Afinal, ao se falar sobre esse campo do conhecimento, o docente precisa ter a clareza que o mesmo envolve temáticas diversas que estão ligadas de maneira direta e



indireta com o assunto da poluição, como economia, pobreza, consumo, lixo, qualidade de vida e até mesmo relações de poder.

Além de dominar o conteúdo a ser abordado, cabe ao professor desenvolver metodologias que aproximem o conteúdo trabalhado a quem está aprendendo e a realidade vividas por eles. Sobre diferentes estratégias e formas de aprendizagem, Puentes (2014), ao discorrer sobre o papel da didática no processo de ensino-aprendizagem, faz uma crítica ao tradicional modelo de ensino o qual as aulas são desenvolvidas no Brasil, onde o professor se comporta como um agente de repasse de conteúdos e os alunos se comportam apenas como ouvintes. Esse modelo de ensino empobrece a absorção da matéria pelos estudantes, e acaba por afastá-los do percurso do ensino.

Para driblar esse modelo de educação amplamente difundido no país onde o professor na maioria das vezes apenas repassa o conteúdo, cabe a utilização de diferentes metodologias que enriquecem o processo de ensino e auxiliam na absorção do conteúdo. Uma dessas metodologias, e que favorece muito uma aproximação com os alunos e com a realidade consiste na adoção de imagens para exemplificar ou demonstrar algo que está sendo trabalhado. Por meio do uso de imagens, o educador ganha possibilidades de ligar a realidade vivenciadas por seus educandos com o conteúdo trabalhado.

Ao se ensinar sobre a poluição, a utilização de imagens exemplificando e ilustrando os assuntos abordados, contribuiu notoriamente para a boa realização das aulas na extensão. Além de apenas ensinar conceitos básicos, ilustrar por meio de imagens chama a atenção dos alunos, permitindo que os mesmos associem aquilo que já sabem de suas vivências, que são os chamados saberes pré-escolares, que, como reforçado por Vitorino (2018), exercem grande influência em todo o percurso de ensino e aprendizagem dos alunos, com o novo conteúdo que está sendo ministrado.

A decisão pela utilização das imagens se deu movida pela intenção de promover uma aula mais dinâmica e interativa, motivando os discentes a darem suas contribuições no momento da ação de ensino, gerando uma dupla troca de conhecimentos e saberes entre professor e aluno. A realização das aulas na extensão se deu em dois momentos, um primeiro onde foi trabalhado sobre o conceito e os tipos



de poluição existentes, e um segundo onde foi tratado sobre a gestão pública da qualidade de vida. Em ambas as aulas, a presença de imagens ilustrativas foi presente, por meio de apresentações montadas no programa Power Point que contribuíram positivamente no processo de ensino-aprendizagem.

Na explanação do conteúdo sobre a poluição e seus tipos, o docente deve conceituar de forma clara e objetiva, podendo se utilizar das imagens para auxiliá-lo, como foi o caso deste projeto. Antes de iniciar conceituando, foi demonstrada a seguinte imagem aos alunos:

Imagem 1: Planeta Poluído



Fonte: Blog Maxi Educa

Junto a apresentação da imagem acima aos alunos, foi indagado aos mesmos sobre o que estava sendo observado. Após esse questionamento, eles se mostraram entusiasmados com a imagem e com a questão levantada dando suas contribuições, respostas e levantando outras questões, como dúvidas sobre alguns componentes da imagem. A ilustração chamou bastante a atenção dos estudantes, criando nos mesmos,



uma expectativa positiva em aprender o conteúdo que seria trabalhado posterior a ilustração. Tal fato demonstra e reforça a importância de a atividade docente buscar se aproximar com a vivência discente, pois, assim, o processo de produção de conhecimento se torna mais rico e eficaz. Em sequência a exposição da imagem acima, foi trabalhado o conceito de poluição, de forma que, os estudantes conseguiram associar o conceito trabalhado, a figura apresentada, contribuindo para uma melhor fixação do conteúdo pelos mesmos.

É evidente, o valor que a utilização de imagens como material de apoio em uma aula possui. Sobre elas, Couto escreve o seguinte:

Por fim, a imagem como estratégia de levantamento de problemas geográficos-espaciais para pensar e resolver, é o mais rico de possibilidades pedagógicas, contanto que o problema proposto esteja no nível de compreensão dos alunos e, simultaneamente, estimule a aprendizagem de novos conteúdos e conceitos para resolvê-lo. (COUTO, 2017, p. 195)

Cabe, portanto, ao professor buscar se apropriar do uso desse tipo de material como um recurso valioso durante a ministração das aulas. Tal utilização de mostrou eficiente na contribuição para uma aula mais interativa e eficaz, sendo uma boa fórmula a ser usadas por professores já em exercício e por aqueles ainda em formação.

Em sequência ao conceito de poluição, foi trabalhado na aula sobre os tipos diferentes da mesma que existem no meio ambiente. Durante a exposição, era apresentado aos alunos o nome de cada tipo (hídrica, atmosférica, sonora, etc.) juntamente á indagação aos mesmos sobre os conhecimentos que tinham sobre cada exemplo. A priori, somente com a exposição do nome, um baixo número de estudantes conseguiu esboçar alguma definição, mesmo que básica, sobre determinado tipo de poluição. Conquanto, após a exposição do nome e do questionamento, foi apresentado uma imagem ilustrando aquilo que estava sendo passado, de modo que permitiu aos discentes fazerem associações com observações que os mesmos já fizeram em suas vidas cotidianas. Por exemplo, ao se tratar de poluição atmosférica, foi apresentada a seguinte imagem:



Imagem 2: Poluição Atmosférica



Fonte: LogicAmbiental

A partir da observação da imagem acima, os alunos rapidamente foram capazes de identificar sinais e características da poluição atmosférica, e até esboçar um conceito para a mesma. Além disso, associaram os elementos presentes na figura, com traços da realidade observado por eles no dia a dia, estabelecendo uma conexão de seus conhecimentos de vida, com aquilo que estava sendo passado no momento da explicação. Construir essa ligação, entre saberes cotidianos e os ditos saberes científicos (aqueles aprendidos na escola), ou como definido por Saviani (2016) dos saberes sincréticos (do cotidiano) aos saberes sintéticos (já sistematizado, científico), é de suma importância na atividade docente, pois é o professor, a pessoa responsável por construir esse caminho que ligue aquilo que o estudante já sabe de suas vivências e observações, de forma a sistematizar esse conhecimento e torna-lo científico. Durante essa construção, a utilização de imagens ilustrativas se mostra como um valioso recurso para a excelência desse processo.



Na sequência da aula, foi abordado sobre os demais tipos de poluição sendo eles, a hídrica, a do solo, a sonora, a luminosa, a radioativa e a térmica. Em todos casos, o uso de imagens ilustrativas se fez presente e, de maneira vislumbrosa operaram para um bom discernimento dos educandos sobre os assuntos tratados, aumentando a produção de conhecimento nos mesmos.

É válido ressaltar sobre a imagem apresentada ilustrando a poluição sonora, por meio da qual os alunos associaram situações que presenciavam constantemente em seus lares ou em locais que frequentam. A associação do termo “poluição sonora” as causas e consequências dela, foi facilitada mediante a exposição da imagem abaixo.

Imagem 3: Poluição Sonora



Fonte: EcoDebate

Ao final dessa primeira etapa da aula, a qual foi abordada sobre a poluição e seus tipos, houve um “feedback” muito positivo por parte dos alunos, que se entusiasmaram com o modelo de exposição de imagens e se mostraram ansiosos para as próximas aulas, interessados em aprender novos conceitos com o auxílio desse recurso didático. Tal interesse está obstante a realidade presenciada nos ambientes escolares brasileiros, onde os alunos estão se afastando do desejo de aprender, algo já apontado por Reis e Souza (2018). Portanto, visto o empenho demonstrado por eles



por querer aprender após uma aula com exposição de imagens, fica mais evidente a necessidade de os professores buscarem fazer o uso desse recurso e de tantos outros disponíveis para poder ajudar na construção de uma educação no país que seja referência positiva a todos as demais nações.

Ademais, ao se tratar sobre a utilização de imagens, cabe uma advertência. O uso deve ser consciente, e livre de qualquer tipo viés que não esteja relacionado a educação. O uso desse recurso, quando realizado de maneira indevida, pode causar consequências incontáveis, tanto na educação, quanto socialmente. Em vários locais e em diferentes ocasiões ao longo da história, o uso das imagens serve como ferramenta de propagação de mentiras, falácias e interesses. Um claro exemplo de tal situação ocorre em Israel, e foi apontado por Peled-Elhanan (2019), que ilustra como os palestinos são representados nos livros didáticos de Israel, de maneira ideológica, visando propagar uma ideologia contrária aos palestinos nas escolas de Israel. Tal acontecimento gera um grande prejuízo social, educando de maneira errônea toda uma geração de estudantes que sairá das escolas acreditando em ideologias equivocadas. Ainda sobre como as formas de representação podem influenciar, a autora destaca que:

[...] em geral os palestinos não são nem sequer retratados. Nas raras ocasiões em que isso ocorre, eles não são retratados como seres humanos individuais, modernos, produtivos, mas sim como estereótipos dos “problemas” e das “ameaças” que eles constituem para os israelenses. A estereotipização, como garantem os estudiosos do discurso racista, conduz facilmente ao discurso racista. (Peled-Elhanan, 2019, p-140)

Portanto, embora o uso de imagens se demonstre como um importante aliado no processo de produção de conhecimento, sua utilização deve ocorrer da maneira correta. Cabe ao professor buscar se apropriar do uso delas de maneira a contribuir no processo de ensino de seus alunos, algo que foi feito nesta extensão, e que demonstrou resultados satisfatórios, aproximando o professor e o conteúdo ministrado da realidade dos alunos, motivando os mesmos a buscarem aprender ainda mais.



AVALIAÇÃO

Em sequência as aulas expositivas, foi elaborada uma avaliação, a qual já estava prevista a ser realizada conforme o plano de ensino anual da disciplina de geografia. Em vista disso, a montagem seguiu de acordo com os conteúdos trabalhados durante as aulas, podendo, a partir do resultado mensurar o quão realmente proveitosas foram as aulas realizadas fora do padrão tradicional, se dando de maneira interativa e participativa, promovendo um movimento aparentemente mais eficaz no que tange a produção de conhecimento.

Sobre a realização de avaliações, é notório que fazem parte da vida humana, pois a todo momento algo é avaliado, seja uma atitude, uma habilidade, um conhecimento, um comportamento, e até mesmo uma postura pode ser avaliada. Esse convívio com constantes avaliações é parte comum na vida da sociedade atual, e foge aos limites escolares. Conquanto, ao se tratar da educação, as ditas “provas” são presença marcante durante o processo educativo. Esse campo da educação reflete justamente o meio social no qual a sociedade está inserida, de forma que a as constantes análises e críticas no meio social, podem ser já vividas por estudantes ao realizarem as constantes provas escolares. De acordo com Villas-Boas (1998, p. 21) “as práticas avaliativas, podem, pois, servir a manutenção ou á transformação social.”, estabelecendo justamente essa ligação entre o avaliar em um ambiente escolar, e sua também presença no meio social.

Sobre tal aspecto, Chueiri (2008) destaca, com o suporte de outros autores, a ideia de que o processo de avaliar no ensino, não veio do acaso, mas é embasado em estatutos políticos e epistemológicos, que dão a base ao modelo de educação brasileiro. Ela também pontua, que o processo de avaliação, pode ter sentido partindo do ideal em que se avalia o conhecimento, o qual seria o modelo ideal para tal feito.

Também sobre esse aspecto avaliativo, Puentes (2014) desenvolve um estudo sobre essa etapa no âmbito escolar dizendo que é uma testagem do alcance dos objetivos, ou seja, ela serve não somente para o aluno, mas sim também para o professor poder mensurar se seus objetivos foram batidos, se suas aulas foram bem



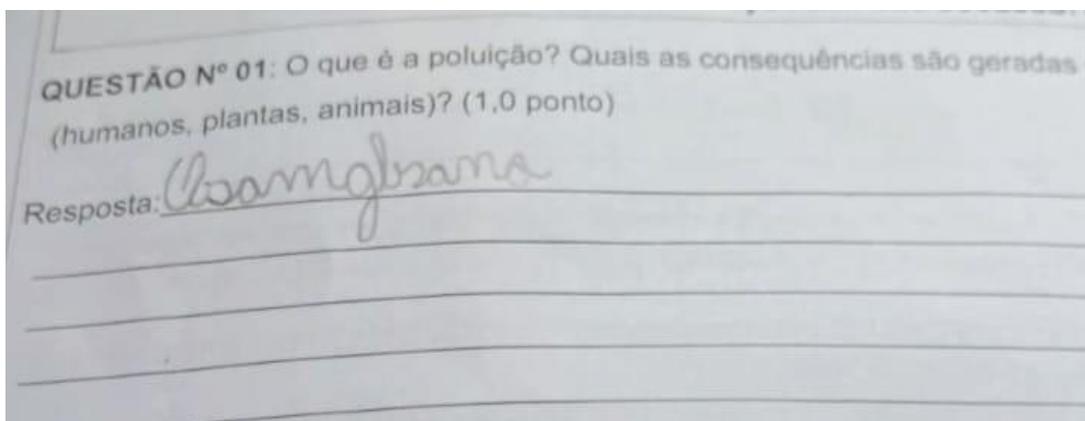
aproveitadas e organizadas, e se o conhecimento transmitido por ele, foi absorvido pelos seus estudantes.

O desenvolvimento da avaliação neste projeto de extensão seguiu exatamente essa linha. Por meio dos resultados, foi possível verificar se o uso das imagens fez real diferença ou não na produção de conhecimento nos alunos. Ora, em um mundo avaliativo, o resultado das provas em uma serve como um parâmetro para mensurar se os objetivos foram concluídos. Portanto, por meio do desempenho dos estudantes, seria possível constatar se o uso das imagens foi algo positivo. Conquanto, para poder mensurar através do resultado das avaliações, cabe ao professor, desenvolver as mesmas de forma a buscar testar aquilo que foi transmitido aos estudantes durante as aulas. O desenvolvimento de uma avaliação deve buscar ser de maneira qualitativa, testando qual o grau de produção de conhecimento que foi absorvido por seus educandos, não sendo apenas para obter resultados quantitativos.

A partir da correção das provas, foi possível verificar que a maioria dos estudantes obtiveram bons resultados, demonstrando que a estratégia do uso de imagens surtiu efeito positivo na aprendizagem dos mesmos. No entanto, foi constatado em uma pequena parcela de alunos, dificuldades que fogem aos limites da Geografia. Ao corrigir a prova desses estudantes, foi constatada dificuldades de interpretação e escrita. Em algumas provas, ao se ler o enunciado de uma questão aberta, os alunos, no espaço destinado a resposta, copiavam a pergunta seguinte, demonstrando uma severa dificuldade de interpretação. Em outras, se constatou a dificuldade na escrita, quando nas respostas não era possível definir o que estava escrita, sendo apenas um amontoado de letras, como demonstrado na imagem abaixo:



Imagem 4: Resposta de um aluno na Avaliação



Fonte: Autoria própria

Esse tipo de resposta, vinda de um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental, período o qual os alunos, de acordo com os currículos, já dominam a leitura e a escrita, apenas escancaram um grande problema na educação brasileira. O aluno em questão, e muitos outros são frutos de uma alfabetização que ocorreu nos tempos de pandemia, em modalidade online, onde milhares de estudantes brasileiros que sequer tinham condições de possuir um aparelho eletrônico em casa, foram mergulhados em uma realidade fantasiosa onde o processo de alfabetização, sendo a base para todo o desempenho escolar de um indivíduo, foi maqueado, gerando inúmeras consequências, como a representada acima.

Galindo et. al. (2020) aponta os efeitos no processo de alfabetização durante a pandemia, de forma remota. Esse processo, no qual a criança aprende a ler e escrever, é realizado arduamente por profissionais qualificados nos ambientes escolares. Durante o ensino remoto, parte dessa responsabilidade foi transferida a terceiros (parentes ou pessoas próximas as crianças), que não detinham o mesmo preparo para ensinar um indivíduo a ler e escrever. Tal fato, gerou uma quantidade expressiva de alunos que estão avançando para anos posteriores sem a capacidade de ler, escrever, ou interpretar, como observado na imagem acima.

Tal realidade, que vai além dos limites que o ensino da geografia permeia, levanta algumas questões, como qual o sentido em realizar uma avaliação nos moldes já pré-estabelecidos para alunos que deveriam, mas não estão alfabetizados? Ou então



como o professor de geografia pode lidar com um sistema de ensino tão precário, onde ao lecionar e avaliar sua matéria ele deve considerar que seus estudantes estão em falta com questões básicas, como a alfabetização?

Esses são questionamentos os quais um professor deve lidar no trabalho. Um projeto de extensão auxilia um futuro professor a já se dar conta dessa dura realidade, de modo que, quando o mesmo for exercer a atividade docente, a fará já com a consciência dos grandes desafios que irá encontrar pela frente, inclusive nos dilemas que enfrentará ao produzir e corrigir uma avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As constatações ponderadas neste artigo, reforçam o quão importante e necessário se faz uma boa formação de um profissional que atuará no ramo da educação no Brasil. O cenário, é realmente desafiador. De acordo com o Programa Internacional de avaliação de alunos (Pisa), que mensura o nível da educação nos países ao redor do mundo, o Brasil ocupa posições consideradas preocupantes entre os países participantes em relação a saberes de leitura (ocupando a 52º posição), matemática (ocupando a 65º posição) e ciências (ocupando a 62º) (Pisa 2023). Com isso, é possível atestar que, de fato, a educação brasileira ainda tem muito a evoluir.

Uma boa parte desta evolução, está ligada a atividade docente. Somente com bons profissionais, que estejam qualificados, motivados e bem preparados para atuar na educação, que será possível pensar em reverter esse quadro. No Brasil, um país onde os alunos estão pouco motivados a estudar, é sugestível que os professores busquem aplicar metodologias em suas aulas que aproximem os estudantes. Foi visto que, o uso de imagens ilustrativas que estejam próximas da realidade dos alunos, contribuiu de forma positiva para um melhor aprendizado e interesse em aprender por parte deles, e conseqüentemente em melhores resultados nas avaliações.

Portanto, é recomendável aos docentes, que busquem se aproximar da realidade de seus alunos, utilizando técnicas, ferramentas e linguagens que estejam próximas dos mesmos. A extensão, para o professor em formação, contribuiu para que o mesmo possa levar aos professores atuantes essas metodologias e questões que despertam



interesse nos estudantes em aprender, além de também poder presenciar como se dá o dia a dia de um ambiente escolar. A educação é a base da sociedade, e deve ser levada a sério, pois somente através dela, veremos um país melhor.

REFERÊNCIAS

CHUEIRI, Mary S.F. Concepções sobre a Avaliação Escolar. Abave, 2008.

COUTO, Marcos A.C. Ensinar Geografia ou Ensinar com a Geografia? Das Práticas e dos Saberes Espaciais à Construção do Pensamento Geográfico na Escola. São Paulo: Terra Livre, 2010.

COUTO, Marcos A.C. Para a crítica da Geografia que se ensina através dos Livros Didáticos. In: TONINI, Ivaine Maria, et. al. O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para a aprendizagem. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 191-220

GALINDO, Aline Fonseca Lopes; PARENTE, Rebeca Talia Ximenes; DIÓGENES, Lenha Aparecida Silva. Os efeitos da pandemia no processo da alfabetização das crianças: elementos de contextualização a partir da perspectiva docente. Orientadora: Josefa Jackline. Revista Arma da Crítica, Fortaleza, ano 10, n. 14, p. 267-281, dez. 2020.

MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PELED-ELHANAN, Nurit. Ideologia e Propaganda na Educação: A Palestina nos Livros Didáticos Israelenses. 1. ed. São Paulo: Unifesp, 2019.

PUNTES, Roberto Valdés. Didática Geral. Uberlândia: UFU/ILEEL, 2014.

REIS, A.R. SOUZA, O.P. Onde se Esconde o Desejo de Aprender do Aluno?. Santa Maria-RS: UFSM, 2018.

SAVIANI, Demerval. A Função Docente e a Produção de Conhecimento. Uberlândia: Educação e Filosofia, 1997.

SAVIANI, Demerval. Educação Escolar, Currículo e Sociedade: O problema da Base Nacional Comum Curricular. Movimento Revista de Educação, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/mov.v0i4.296>. Acesso em 12/12/2023.



VITORINO, Gabriela Freire de Almeida. Saberes e Práticas de Crianças Pré-Escolares Relacionados ao Estilo de Vida: O Caso de uma Escola Municipal. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

VILLAS-BOAS, Benigna M. de Freitas. Planejamento da Avaliação Escolar. *Proposições*, v. 9, n. 3, p. 19-27, 1998.

Imagem 1: Blog Maxi Educa. Tipos de Poluição. Disponível em:

<https://www.maxieduca.com.br/blog/geografia-2/tipos-de-poluicao/>. Acesso em 11/12/2023.

Imagem 2: LogicAmbiental. Poluição Atmosférica. Disponível em:

<https://www.logicambiental.com.br/poluicao-atmosferica/>. Acesso em 12/12/2023.

Imagem 3: EcoDebate. Sobre a Poluição Sonora. Disponível em:

<https://www.ecodebate.com.br/2014/10/30/sobre-a-poluicao-sonora-artigo-de-roberto-naime/>. Acesso em 12/12/2023.

Pisa: Ministério da Educação. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33571?start=20>. Acesso em 13/12/2023.